

CARTOGRAFANDO CIDADES TRANSUMANTES: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE PESQUISAS COM TRAJETÓRIAS URBANAS

*PLATTING TRANSHUMANT CITIES: THEORETICAL AND METHODOLOGICAL REFLECTIONS
ON RESEARCHES WITH URBAN TRAJECTORIES | CARTOGRAFIANDO CIUDADES
TRANSHUMANTES: REFLEXIONES TEÓRICAS Y METODOLÓGICAS SOBRE INVESTIGACIONES
CON TRAYECTORIAS URBANAS*

THAÍS TRONCON ROSA

RESUMO

Este artigo propõe discutir alguns aspectos teórico-metodológicos do trabalho com trajetórias urbanas e suas potenciais contribuições aos estudos urbanos, tomando como base reflexões de uma pesquisa de doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Para tanto, delinea brevemente a noção de trajetórias urbanas, bem como suas potencialidades como estratégia de conhecimento das realidades urbanas contemporâneas, em sua complexidade e dinâmica. Em diálogo com a ideia de uma “cidade transumante”, como proposta por Michel de Certeau, discutem-se as imbricações entre trajetórias urbanas “periféricas”, as narrativas que as delineiam e são por elas delimitadas e uma cartografia espaço-temporal das *idades outras* que elas revelam. Nesse sentido, são apontadas questões importantes para a reflexão sobre processos de produção, apropriação e apreensão do espaço urbano: sob o enfoque apresentado, trajetórias urbanas “periféricas” e suas narrativas permitem mais do que pontuar inflexões, conflitos e diferenças, colocando no centro da análise a alteridade que elas encerram e que são produtoras, também, de alteridades socioespaciais a serem levadas a sério. O trabalho destaca a importância dos estudos urbanos se atentarem às dobras que configuram simultaneamente territórios, subjetividades e sensibilidades; percursos, narrativas e espaços; produção de conhecimento e produção do espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografias. Estudos urbanos. Produção do espaço urbano. Trajetórias urbanas.

ABSTRACT

This paper aims to discuss some theoretical and methodological aspects of researches with urban trajectories and their potential contribution to the urban studies, based on reflections of a doctoral research in architecture and urbanism. For both, it briefly outlines the notion of urban trajectories, as well as its potentialities as a strategy for knowledge of contemporary urban realities, in its complexity and dynamics. In dialogue with the idea

of a “transhumant city” as proposed by Michel de Certeau, it discusses the imbrications between “peripheral” urban trajectories, the narratives that they delineate and that are delineated by them and a space-temporal cartography of the other cities that they reveal. In this sense, it points out important issues to reflection on the processes of production, appropriation and apprehension of the urban space: under the approach here presented, “peripheral” urban trajectories and their narratives allow more than punctuating inflections, conflicts and differences, placing in the center of the analysis the alterity they contain and which are also producers of sociospatial alterities that must be taken seriously. The paper highlights the importance for urban studies to pay attention to the folds that simultaneously configure territories, subjectivities and sensibilities; trajectories, narratives and spaces; the production of knowledge and the production of space.

KEYWORDS: Spatiotemporal cartographies. Urban studies. Production of urban space. Urban trajectories.

RESUMEN

El presente artículo propone discutir algunos aspectos teóricos y metodológicos de investigaciones con trayectorias urbanas y sus potenciales contribuciones a los estudios urbanos, basados en las reflexiones de una investigación doctoral en arquitectura y urbanismo. Por lo tanto, se describe brevemente la noción de trayectorias urbanas, así como sus potencialidades como una estrategia para el conocimiento de las realidades urbanas contemporáneas, en su complejidad y dinamismo. En diálogo con la idea de una “ciudad transhumante”, como propuesta por Michel de Certeau, discute la imbricación entre las trayectorias urbanas “periféricas”, los relatos que las delimitan y están delimitadas por ellas y una cartografía espacio-temporal de las otras ciudades que revelan. En este sentido, señala cuestiones importantes para reflexionar sobre los procesos de producción, apropiación y aprehensión del espacio urbano: bajo el enfoque aquí presentado, trayectorias urbanas “periféricas” y sus relatos permiten más que puntuar inflexiones, conflictos y diferencias, poniendo en el centro del análisis la alteridad que contienen y que están produciendo también alteridades socioespaciales que se deben tomar en serio. El trabajo destaca la importancia de los estudios urbanos en fijarse a los pliegues que configuran simultáneamente territorios, subjetividades y sensibilidades; trayectorias, narraciones y espacios; la producción de conocimiento y la producción del espacio.

PALABRAS CLAVE: Cartografías. Estudios urbanos. Producción del espacio urbano. Trayectorias urbanas.

SOBRE TRAJETÓRIAS URBANAS

A reflexão que movimenta este artigo emerge de uma pesquisa de doutorado¹ em Arquitetura e Urbanismo que tem, por estratégia metodológica central, a persecução de trajetórias urbanas, fios condutores de um emaranhado socioespacial tecido cotidianamente nas cidades. Inserida nos debates sobre pobreza e produção do espaço urbano no Brasil², tal pesquisa estrutura-se como uma exploração etnográfica a partir de encontros com integrantes de famílias moradoras das chamadas periferias urbanas³ e propõe apreender o espaço urbano a partir de trajetórias urbanas e suas narrativas, em diálogo com a ideia de uma “cidade transumante”, como delineada por Michel de Certeau (Certeau, 2003). O presente artigo propõe refletir sobre tal estratégia, a um só tempo metodológica e de conhecimento, e suas potenciais contribuições aos estudos urbanos, ao possibilitar captar processos socioespaciais contemporâneos em sua complexidade e dinâmica, nas continuidades e transformações de que se fazem os fenômenos urbanos.

A ideia de trajetória⁴ é aqui acionada, conforme proposta por Certeau (2003, p.98), como um “movimento temporal no espaço”. Aproxima-se, também, da concepção de “trajetórias urbanas” proposta por Telles (2006b, p.70), para quem estas “supõem uma espacialização demarcada pelas temporalidades urbanas corporificadas nos espaços e territórios da cidade”. Condensando práticas espaciais cotidianas dos indivíduos e de suas famílias, as quais se constituem tanto por meio do diálogo permanente entre passado e presente, como por justaposição das dimensões qualitativamente heterogêneas de tempo e espaço (Certeau, 2003), a persecução das trajetórias urbanas invoca percursos habitacionais e ocupacionais, além dos deslocamentos cotidianos que se realizam no espaço urbano (Telles, 2006a; 2006b). Trata-se, portanto, de uma abordagem que possibilita uma mudança na escala de compreensão sobre as já bastante debatidas relações entre pobreza e espaço urbano no Brasil, a qual se distancia de designações genéricas para se aproximar dos fluxos, dos trânsitos e, fundamentalmente, das narrativas que produzem não configurações urbanas à parte da cidade, senão a própria cidade.

E, se a articulação entre temporalidades (tempos biográficos, geracionais, sociais, históricos) e espacialidades (marcos espaciais, referências urbanas, pontos de condensação dos deslocamentos) é constitutiva da análise de trajetórias urbanas, um terceiro aspecto se entrelaça a elas e faz-se crucial para a abordagem adotada pela pesquisa: os “eventos políticos” que as atravessam (políticas urbanas, programas habitacionais, conflitos sociais, formas de ação coletiva, práticas de tutela), ao operarem como vetores concretos na produção do espaço urbano (Telles, 2006b).

Nessa perspectiva, as dinâmicas de produção do espaço urbano se fazem ver por meio das trajetórias urbanas: do cruzamento entre elas, de seus múltiplos pontos de conexão e condensação é possível apreender os atores em jogo nas disputas pelo espaço, suas variadas posições e deslocamentos, as temporalidades urbanas coexistentes, as tramas associativas de caráter variado que articulam eventos políticos locais e extralocais. Trata-se, portanto, de

um plano de investigação cujo foco direciona-se para as práticas, os processos e os expedientes mobilizados por atores variados na produção do espaço urbano (Silva, 2006).

PERCURSOS E RELATOS: A CIDADE TRANSUMANTE

Por meio das trajetórias urbanas nos aproximamos, portanto, da ideia de um “espaço praticado”, tal como proposto por Michel de Certeau. Distinguindo “cidade”, enquanto conceito normativo, da “vida urbana” propriamente dita, a qual se constitui a partir de “práticas de espaço”, Certeau (2003, p.172) irá relacionar tais práticas a uma ideia de “mobilidade opaca e cega” que seria constituinte da “cidade habitada”: o autor a define como uma “cidade transumante”, a se insinuar cotidianamente em meio à “cidade planejada e visível”. Essa ideia de mobilidade, de transumância inerente às práticas de espaço é o que interessa aqui apreender, uma vez que se vincula à ideia de percursos urbanos e suas enunciações (“enunciações pedestres”) e conforma as relações entre o que Certeau denomina lugar e espaço.

Sem avançar muito nessa distinção promovida pelo autor, caberia ao menos apresentá-la, destacando a profunda correlação entre sua concepção de espaço e a perspectiva das trajetórias urbanas. Para Certeau, lugar associa-se à ideia de estabilidade, de imobilidade, de ordem, de propriedade, de hierarquia, de poder; já o espaço seria caracterizado pela mobilidade, pela ação, pela multiplicidade de possibilidades que abarca — “um lugar praticado”.

Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. [...] diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio” (Certeau, 2003, p.202).

A memória seria um elemento fundamental na relação entre espaços e lugares, efetuando um trabalho constante de transformação de lugares em espaços e vice-versa. Os espaços — lugares vividos —, são vistos por Certeau como “presenças de ausências”: por meio da lembrança, movimento de passagem da memória, conferem ao visível sua “invisível identidade”. A memória funciona aí como um elo de comunicação — mas não necessariamente de continuidade —, entre distintas temporalidades e espacialidades, uma “prática significante” dos lugares, “prática inventora de espaços”, trazendo à tona suas “simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo” (Certeau, 2003, p.189).

Entretanto, para Certeau, a memória, essa “arte de lembrar”, é indissociável de uma “arte de dizer” — o relato, um discurso que é memória e prática simultaneamente,

produto de trocas sutis entre as “astúcias da história vivida” e aquelas da “história narrada”. Mais do que fixar uma realidade pela descrição, o relato cria, fabrica, funda outros tempos e espaços. Configura-se como “um gesto equilibrista em que participam a circunstância (lugar e tempo) e o próprio locutor, uma maneira de saber, manipular, arranjar e “colocar” um dito deslocando um conjunto [...]” (Certeau, 2003, p.153).

Assim, os movimentos-deslocamentos-caminhos-percursos, entendidos como “ações de sujeitos históricos”, seriam responsáveis pela constituição de espaços: “parece que um movimento sempre condiciona a produção de um espaço e o associa a uma história” (Certeau, 2003, p.203). De fato, para o autor, ainda que os percursos não sejam passíveis de fixação, eles produziram o efeito de espacializar, de “fazer efetivamente a cidade”. Isso se daria a partir da associação entre os percursos — “práticas de espaço” —, e o que se denomina “relatos de espaço”, uma perspectiva que valoriza a descrição da cidade como “fundadora de espaços”, trazendo à tona a relação entre tais práticas de espaço e a “ordem construída”.

Os relatos seriam, portanto, mais do que uma das condições essenciais de apreensão das trajetórias — são a própria “feitura dos espaços” por onde as trajetórias fluem e se condensam: “os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer”. Essa indissociabilidade entre percurso e relato vincula-se à ideia mesma de um “espaço praticado”, um espaço topológico, o qual pressupõe, por seu caráter relacional e móvel, a articulação com os tempos urbanos e os corpos (em movimento) dos atores, que delimitam e organizam espaços: trata-se, segundo o autor, da “inscrição do corpo no texto da ordem” (Certeau, 2003, p.207).

A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social de privação de lugar — uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade (Certeau, 2003, p.183).

Tais abordagens dialogam diretamente com a proposta de Telles e Cabanes (2006, p.15) de encarar as trajetórias urbanas como trilhas que permitem descrever a cidade: “ao seguir os traçados dos percursos urbanos de indivíduos e suas famílias, é a própria cidade que vai se perfilando”. Nesse sentido, as proposições de Certeau acerca da distinção entre lugares e espaços, da articulação entre percurso e relato e, principalmente, da persistente conformação da cidade transumante — uma cidade feita de deslocamentos e ausências, mas também de relações e conexões fundamentais —, podem ser úteis para apreender os campos de força presentes em tais trajetórias.

De fato, se pensarmos nos fluxos migratórios, nas mobilidades habitacionais, nos percursos ocupacionais, nos deslocamentos cotidianos pela cidade, tal proposição faz

todo o sentido e dialoga novamente com a de Telles, para quem as inflexões de tais fluxos e mobilidades no tempo e no espaço traduziriam na escala dos destinos individuais a dinâmica mais ampla das transformações urbanas. A autora segue a indicação de Grafmayer (1995), para quem a vida urbana estaria toda ela sob o “signo da mobilidade”, o qual seria, simultaneamente, portador de “desestabilização de pertencimentos e certezas” e meio de adaptação (mais ou menos bem-sucedido) às exigências da vida urbana.

Ao articular espaços e tempos urbanos diferenciados, essa concepção de “eventos de mobilidade” parece estar se configurando, tal como aponta Telles (2006a, p.63), como perspectiva renovada aos pesquisadores urbanos, em especial àqueles inseridos nos já mencionados debates sobre pobreza e espaço urbano, justamente por permitir captar a complexidade das novas realidades urbanas, bem como os deslocamentos, processos e práticas dos atores, superando muitas das limitações de noções, categorias e parâmetros estabelecidos para medir e caracterizar a segregação urbana.

TRAJETÓRIAS E CARTOGRAFIAS: DINÂMICAS DE PRODUÇÃO E APREENSÃO DO ESPAÇO URBANO

Em se tratando do trabalho com trajetórias urbanas de moradores de periferias, como é o caso da pesquisa a movimentar este artigo, tais abordagens têm se mostrado muito profícuas no sentido de possibilitar cartografar (espacial e temporalmente) experiências urbanas ditas “marginais” (Feltran *et al.*, 2012) ou “periféricas” (Almeida *et al.*, 2008), revelando cidades outras: cidades feitas de deslocamentos, desenraizamentos, ajustes e ausências, mas também de relações, conexões, desejos e afetos, cuja multiplicidade de dimensões históricas, concepções em ato ou devires possíveis somente se dão a apreender a partir das narrativas dos sujeitos.

As trajetórias urbanas são encaradas como uma entrada privilegiada para o estudo das dinâmicas socioespaciais envolvidas em processos situados de produção e apropriação do espaço urbano (Telles, 2006b) ao permitir apreender tais processos para além das associações imediatas entre espaço e sociedade (Lepetit, 2001), trazendo à tona a via de mão dupla pela qual os fluxos urbanos estruturam trajetórias de vida e também o próprio espaço da cidade. Trata-se, portanto, de construir estratégias metodológicas centradas nestes fluxos, nos trânsitos urbanos: encontrar os instrumentos de estudo apropriados para tanto é fundamental para o sucesso da pesquisa, e o método etnográfico tem demonstrado grande potencial no estudo de tais deslocamentos (Ferreira, 2003; Telles & Cabanes, 2006; Feltran, 2011).

No caso da pesquisa em tela, para a apreensão das trajetórias urbanas em sua complexidade, a pesquisa de campo, de caráter qualitativo, ancora-se em procedimentos já consagrados em etnografias urbanas, privilegiando a realização de entrevistas semiestruturadas (e sua combinação com entrevistas abertas e conversas informais). Como recursos etnográficos complementares, são realizadas visitas de observação reflexiva de atividades cotidianas, bem como coleta de documentação de interesse da pesquisa.

Destaca-se, nesse sentido, o diálogo com a proposição de Magnani (2002, p.15) acerca do que denomina “olhar de perto e de dentro”: uma perspectiva etnográfica que permitiria “captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números”. Esse enfoque é acionado pelo autor como forma de considerar os arranjos dos próprios atores sociais, seus trânsitos, deslocamentos, apropriações, encontros e trocas no espaço urbano, entendido não como mero “cenário”, mas como parte constitutiva fundamental das práticas sociais e, conseqüentemente, do recorte de análise.

As entrevistas são realizadas com mais de um integrante de uma mesma família⁵: esta é a unidade empírica central de análise, uma vez que os arranjos internos a ela são determinantes das trajetórias urbanas a serem analisadas. O acompanhamento de uma mesma família possibilita a aproximação a uma variedade de atores (diferentes faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade, tipos de ocupação etc.) e de trânsitos pela cidade, garantindo a diversidade de trajetórias urbanas: segui-los ao longo do tempo e articular os vários relatos internos a uma mesma família é recurso científico já clássico no sentido de fazer emergir narrativas simultaneamente individuais e coletivas (Becker, 1994; Telles & Cabannes, 2006; Feltran, 2011). Além disso, tal opção metodológica favorece a apreensão dos modos como os arranjos familiares atravessam o espaço urbano e as relações com moradia e trabalho, possibilitando circunscrever alguns circuitos urbanos por meio das histórias e trajetórias familiares e evidenciando os possíveis cortes geracionais.

Nesse ponto, valeria destacar as conexões entre a perspectiva de trabalho com trajetórias urbanas e as categorias etnográficas desenvolvidas também por Magnani (2002; 2005): pedaço, trajeto, mancha, pórtico, circuito — mais especificamente as de trajeto e circuito, justamente por permitirem apreender as mobilidades, fluxos e conexões recorrentes estabelecidas para além da delimitação apriorística de espaços circunscritos ou contíguos. A articulação entre tais categorias possibilita apreender trânsitos e passagens por entre dinâmicas e produções socioespaciais variadas, permitindo levar em conta as diversas escalas das cidades e seus diferentes planos de análise (Magnani, 2002, p.26), contribuindo significativamente para o desenho metodológico da investigação.

Não há, portanto, um — e apenas um —, recorte espacial específico, uma vez que a persecução das trajetórias urbanas é que guia a pesquisa pelos espaços a serem considerados na análise: são privilegiados como ponto de partida da investigação alguns espaços urbanos “periféricos”, focalizando aquelas trajetórias que permitam abarcar situações diversificadas no que diz respeito, por exemplo, a condições de moradia, propriedade da habitação, tempo de permanência e vinculação ao processo de produção histórico dos espaços em questão, inserção em programas públicos de provisão ou melhoria habitacional e urbana, trânsitos anteriores pelo espaço urbano, entre outros critérios de seleção de trajetórias e delimitação do universo empírico que vêm sendo elaborados durante a pesquisa. Trata-se de uma proposta de pesquisa que resulta de procedimentos de construção

experimental de seu próprio objeto, cujos recortes e contornos específicos vão se delineando ao longo de seu próprio curso, de acordo com Lepetit (2001).

A partir da associação entre tais estratégias metodológicas e técnicas de pesquisa, a sistematização e análise das trajetórias vem tateando a possibilidade de composição de cartografias espaço-temporais das mesmas. Uma vez que a pesquisa não se propõe estudar um objeto circunscrito em si mesmo, mas, antes, trata de investigar processos envolvidos na produção cotidiana de espaços e experiências urbanas “periféricas” — ou, em outras palavras, prospectar processos simultâneos de constituição de subjetividades e territorialidades, acompanhando movimentos e deslocamentos, mais do que estruturas —, a concepção de cartografia tal qual desenvolvida por Deleuze e Guattari (2007) e desdobrada por Rolnik (1989) e Guattari e Rolnik (2000) parece oferecer pontos de referência importantes nesse sentido.

Nessa concepção, a cartografia trata de acompanhar deslocamentos não apenas físicos, espaciais, mas nas próprias narrativas, nas significações e, em última instância, nas subjetividades e experiências a ela emaranhadas. Nas palavras de Rolnik (1989, p.29), uma cartografia “acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos — sua perda de sentido —, e a formação de outros”. Em se tratando de perscrutar e problematizar a constituição simultânea de territorialidades, subjetividades e experiências urbanas, parece ser pertinente seguir as indicações da autora acerca de duas dimensões coexistentes em tal concepção de cartografia: aquela que se propõe a rastrear as “linhas duras”, as estruturas, o plano de organização dos territórios vigentes, bem como a que persegue as “linhas de fuga”, as desterritorializações, os movimentos e deslocamentos.

Destaca-se, ainda, a distinção promovida pela autora entre a cartografia — “desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” —, e o mapa — “representação de um todo estático” (Rolnik, 1989, p.29), aproximando-nos novamente das abordagens de Certeau acerca do percurso e do relato como fundadores de espaços. O autor irá promover uma distinção bastante incisiva entre mapas (sistema tecnológico de um espaço coerente e totalizador), de um lado, e as práticas, percursos e relatos (figuras ambulatórias), de outro: o primeiro estaria para a ideia de lugar (fixação de um próprio, instituição de uma ordem), enquanto os últimos para a noção de espaço (operações, movimentos, relações): “o traço vem substituir a prática”, diz o autor sobre os “mapas urbanos”. Ou, ainda: “onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia” (Certeau, 2003, p.176).

Ao propor, em contraposição à fixação e rigidez dos mapas, um mapeamento dinâmico do espaço por meio dos relatos — “narração oral que não cessa, trabalho interminável, de compor espaços, verificar, confrontar e deslocar suas fronteiras” (Certeau, 2003, p.208) —, torna-se inevitável aproximá-lo daquela concepção de cartografia, uma vez que também ela propõe delinear traçados heterogêneos, com infinitas conexões: não se trata de produzir mapas-decalques (Passos *et al.*, 2009), mas mapeamentos móveis (múltiplas direções, entradas, pontos de condensação).

Nesse sentido, a investigação etnográfica de trajetórias urbanas e a perspectiva de composição de uma cartografia espaço-temporal da cidade transumante que elas permitem descortinar são, portanto, mais do que opções metodológicas, estratégias de conhecimento que privilegiam trajetórias e narrativas como formas de produção e apreensão do espaço urbano.

CIDADES TRANSMANENTES, CIDADES OUTRAS: ALTERIDADES SOCIOESPACIAIS EM FOCO

Em que pesem as estratégias de conhecimento aqui apresentadas, a consideração, a partir da investigação de trajetórias urbanas de moradores de periferias, da transumância que seria constituinte das cidades parece possibilitar novos campos de reflexão e problematização sobre o espaço urbano e seus modos de produção processual, considerando práticas cotidianas, percursos e narrativas como aspectos legítimos, fundamentais e mesmo fundadores — para retomar Certeau (2003) —, de tais processos. O autor, invocando a fenomenologia de Merleau Ponty, reitera que existem tanto espaços quanto experiências espaciais distintas: considerando espaços, experiências e narrativas como inextrincáveis, cartografar essas cidades transumantes implica, portanto, apreender as múltiplas dimensões do urbano nessas trajetórias, atentando aos conflitos, aos constrangimentos, às disputas, às relações, aos afetos e às escolhas a elas inerentes.

As histórias — narrativas —, constantemente deslocadas que compõem a trajetória dos interlocutores da pesquisa em tela, não dizem apenas de seus dramas individuais ou familiares: dizem muito mais da cidade, dos espaços em que vivem, que conhecem, por onde transitam, que experienciam, enfim, revelando-os. Sob o enfoque aqui esboçado, trajetórias e narrativas urbanas “periféricas” permitem não apenas pontuar inflexões e diferenças, mas produzir inteligibilidade sobre perspectivas múltiplas e conflitantes, colocando no centro da análise a alteridade que elas encerram e que são produtoras, também, de alteridades socioespaciais a serem levadas a sério enquanto tais.

E, se mobilidade e alteridade são palavras-chave para pensar as cidades transumantes aqui referidas, cartografá-las a partir de trajetórias urbanas e suas narrativas requer um constante jogo de perspectivas, uma abordagem necessariamente relacional. Trata-se, nesse sentido, de valorizar e dar crédito científico aos nexos entre dinâmicas e relações socioespaciais, experiências urbanas e operações narrativas também como produtores da vida cotidiana e dos espaços onde ela transcorre, apreendendo cidades outras.

NOTAS

1. Este artigo é uma versão modificada de trabalho apresentado no Seminário Internacional Espaços Narrados, realizado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 2012. A pesquisa de doutorado que o ancora intitula-se provisoriamente “Cidades Outras: pobreza, moradia, política e violência em perspectiva” e conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, por meio da concessão de bolsa de doutorado.

2. Tais debates emergiram no país nos anos 1970, tendo por referência paradigmática o trabalho de Oliveira (1972), o qual influenciou significativamente os estudos subsequentes sobre pobreza e espaço urbano, introduzindo no debate as noções de periferia e de urbanização periférica. Destaca-se alguns trabalhos pioneiros, como: Kowarick e Brant (1975); Sampaio e Lemos (1978); Bonduki e Rolnik (1979); Kowarick (1979); Maricato (1979); Valladares (1980); entre outros, muitos deles levados a cabo por toda uma geração de arquitetos e urbanistas. Uma revisão dos desdobramentos deste debate até os anos 2000 pode ser encontrado em Rosa (2008).

3. As periferias são encaradas não apenas no sentido físico e geográfico do espaço como designação dos limites das cidades e em relação dual com uma centralidade também ela geográfica, mas sobretudo nos termos de “situações periféricas”, tal como proposto por Almeida *et al.* (2008): não se trata de um “estado de exclusão”, mas de contextos socioespaciais em que há “acesso precário a melhorias materiais e a recursos simbólicos”. Como explicitam os autores a respeito do termo “periférico”, trata-se do fato de “o ‘foco’ empírico estar na posição hierarquicamente inferior do espaço social, distante das centralidades da produção e reprodução de bens materiais e simbólicos com maior valor social” (Almeida *et al.*, 2008, p.111).

4. Em alguma medida, sua utilização aproxima-se, também, da noção de trajetória proposta por Bourdieu (1998, p.189), em crítica à abordagem biográfica como sucessão longitudinal e coerente de acontecimentos: “Série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”.

5. Vale dizer que, ao abordar a unidade “família”, não se refere exclusivamente a integrantes possuidores de laços consanguíneos, mas também àqueles que coabitam uma mesma unidade habitacional. Trata-se do que a literatura denomina “família ampliada”. Referência fundamental para o estudo de famílias e suas trajetórias urbanas são os trabalhos de Cabanes (2006; 2011).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. *et al.* Situações periféricas: etnografia comparada de pobreza urbanas. *Novos Estudos CEBRAP*, n.82, 2008. p.109-130
- BECKER, H. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BONDUKI, N.; ROLNIK, R. *Periferias: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho*. São Paulo: FAUUSP, 1979. (Caderno de Estudos e Pesquisas Fupam).
- BORDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.183-191.
- CABANES, R. Espaço privado e espaço público: o jogo de suas relações. In: TELLES, V.; CABANES, R. (Org.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006. p.389-428.
- CABANES, R. Qual dialética é possível entre o espaço público e o privado? In: CABANES, R. *et al.* (Org.). *Saídas de emergência*. São Paulo: Boitempo, 2011. p.437-459.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*. São Paulo: 34, 2007.
- FELTRAN, G.S. *Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Unesp, 2011.
- FELTRAN, G.S. *et al.* *As margens da cidade: grupos urbanos marginais, política e violência no estado de São Paulo*. São Carlos: UFSCar, 2012. (Relatório de Pesquisa).

- FERREIRA, M.I.C. *Trajetórias urbanas de moradores de uma favela de um distrito de elite na capital paulista*. 2003. Tese (Doutorado em Sociologia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- GRAFMEYER, Y. *Sociologia urbana*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1995.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KOWARICK, L. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- KOWARICK, L.; BRANT, V.C. (Coord.). *São Paulo, 1975: crescimento e pobreza*. São Paulo: Loyola, 1975.
- LEPETIT, B. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Edusp, 2001.
- MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.49, p.11-29, 2002.
- MAGNANI, J.G.C. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*, v.17, p.173-205, 2005.
- MARICATO, E. (Org.). *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.
- OLIVEIRA, F. *A economia brasileira: crítica à razão dualista*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROLNIK, S. *Cartografia sentimental*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- ROSA, T.T. *Fronteiras em disputa na produção do espaço urbano*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- SAMPAIO, M.R.; LEMOS, C. *Habitação popular paulistana: autoconstrução*. São Paulo: USP, 1978.
- SILVA, E.A. *Nas tramas da cidade ilegal: atores e conflitos em ocupações de terra urbana*. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- TELLES, V.S.; CABANES, R. (Org.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006.
- TELLES, V.S. Debates: a cidade como questão. In: TELLES, V.S.; CABANES, R. (Org.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006a. p.35-64.
- TELLES, V.S. Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade. In: TELLES, V.S.; CABANES, R. (Org.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006b. p.69-116.
- VALLADARES, L.P. (Org.). *Habitação em questão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

THAÍS TRONCON ROSA Universidade de São Paulo | Instituto de Arquitetura e Urbanismo | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo | Av. Trabalhador São-Carlense, 400, Centro, 13566-590, São Carlos, SP, Brasil | E-mail: <thaisrosa@yahoo.com>.

Recebido em
25/3/2013,
reapresentado
em 1/10/2013
e aprovado em
28/11/2013.